

# Informação e Imaginário. inserindo uma nova perspectiva interdisciplinar em pesquisas sobre o fenômeno informacional

*Imaginary and Information:  
Inserting a new interdisciplinary  
perspective in research on  
Informational phenomenon*

**Eliane Pawlowski Oliveira Araújo**

Escola de Ciência da Informação  
Universidade Federal de Minas Gerais  
[elianepaw@yahoo.com.br](mailto:elianepaw@yahoo.com.br)

**Alberto Filipe Araújo**

Instituto de Educação  
Universidade do Minho  
[afaraujo@ie.uminho.pt](mailto:afaraujo@ie.uminho.pt)

## Resumo

A informação e o imaginário possuem características semelhantes. Ambos fazem parte da estrutura da história humana e situam-se na perspectiva de significação do mundo. Por meio da informação o indivíduo, dentre outras coisas, constrói sentido e compõe sua história de mundo; por meio do imaginário, ele também faz a mesma coisa. Duas faces da mesma moeda, como Jano, o deus das transições e passagens. Neste artigo pretende-se caracterizar esses dois elementos e integrá-los reforçando o entendimento de que o imaginário pode se consolidar como uma estratégia para a compreensão dos comportamentos e práticas informacionais. O resultado desse esforço consolida na Ciência da Informação uma perspectiva interdisciplinar que traz a dimensão simbólica, aqui representada na perspectiva durandiana, para dentro do campo formando uma unidade de conhecimento que visa compreender a complexidade do mundo atual. Considera-se que esse alinhamento pode vir a configurar uma área transdisciplinar abrindo novas

## Abstract

*Information and imaginary have similar characteristics. Both are part of the structure of human history and are situated in the perspective of giving meaning to the world. Through information, the individual, among other things, builds meaning and composes his history of the world; by means of the imaginary, he also does the same thing. Two sides of the same coin, like Jano, the god of transitions and passages. This article characterizes these two elements and integrates them reinforcing the understanding that the imaginary can consolidate itself as a strategy for understanding behaviors and informational practices. The result of this effort consolidates in Information Science an interdisciplinary perspective that brings the symbolic dimension, represented here in the Durandian perspective, into the field, forming a unit of knowledge that aims to understand the complexity of the world today. It is considered that this alignment can configure a transdisciplinary area opening new*

perspectivas de pesquisas sobre o fenômeno *perspectives of research about the informational phenomenon.*

**Palavras-chave:** Informação; Imaginário; **Keywords:** Information; imaginary; Interdisciplinarity; Interdisciplinaridade; Dimensão simbólico-afetiva *Symbolic-affective dimension.*

## 1. Introdução

As ciências sociais e humanas, em seus trajetos para se consolidarem enquanto ciência, procuraram incorporar em seus procedimentos métodos e técnicas similares às das ciências naturais para que os resultados obtidos pudessem ser considerados válidos e confiáveis. Como mencionado por Santos (2006), o modelo de racionalidade da ciência moderna, constituído a partir da revolução científica do século XVI, foi desenvolvido basicamente no domínio das ciências naturais tendo se estendido, no século XIX, às ciências sociais emergentes. Esse *status* de excelência das ciências naturais, como modelo a ser seguido, foi adquirido e mantido durante séculos em decorrência de posicionamentos filosóficos e pragmáticos de pesquisadores e filósofos. Este modelo negava o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautassem pelos princípios epistemológicos e pelas regras metodológicas relacionadas às ciências naturais (Santos, 2006, p. 21).

Entretanto, nos últimos dois séculos, as ciências sociais e humanas têm envidado esforços para impor sua especificidade, o que implicou, além de não anular suas características fundamentais, em firmar métodos, técnicas e abordagens próprias que pudessem dar conta dos fenômenos inerentes aos seus objetos.

Algumas vertentes foram desenvolvidas, algumas consolidadas, outras resgatadas. Neste repertório destaca-se o imaginário, forma que as primeiras civilizações humanas se utilizaram para compreender e explicar o mundo. Abordar o imaginário como objeto sobre o qual se aplica uma hermenêutica tem se constituído um esforço e uma perspectiva que visa resgatar o pensamento simbólico e o símbolo em, como afirma Durand (1988), seu dinamismo instaurativo à procura do sentido.

Não se trata de algo novo; pelo contrário, trata-se de voltar às origens e perceber o valor hermenêutico que o imaginário sempre teve na significação do mundo, na criação de sentido, na resposta às angústias primeiras do ser humano. Trata-se de trazer à denominada “louca da

casa"<sup>1</sup>, o reconhecimento do seu potencial revelador, compreensivo, integrador e mediador. Trata-se de entender que o fazer científico pode seguir caminhos que não são considerados ortodoxos pelos pesquisadores tradicionalistas, mas que possuem uma lógica estrutural própria que possibilita que a ciência avance e evolua ampliando as perspectivas de saberes. Sem fantasias, adivinhações ou suposições, mas com estruturas e entendimentos fundamentados e consolidados. Uma das hermas<sup>2</sup> que congregam novas compreensões e antigos saberes.

Quando se olha com mais vagar percebe-se que o imaginário e a informação possuem características semelhantes. Ambos fazem parte da estrutura da história humana e situam-se na perspectiva de significação do mundo. Por meio da informação o indivíduo, dentre outras coisas, constrói sentido e compõe sua história de mundo; por meio do imaginário, ele também faz a mesma coisa. Duas faces da mesma moeda, como Jano, deus de origem indo-europeia possuidor de dois rostos contrapostos que marcam a evolução de um estado a outro, de uma visão a outra (Chevalier & Gheerbrant, 2015).

Este artigo pretende caracterizar esses dois elementos e integrá-los, reforçando o entendimento de que o imaginário pode se consolidar como uma estratégia para a compreensão dos aspectos subjacentes presentes nos comportamentos e práticas dos sujeitos em seus processos informacionais marcando a inserção de uma nova perspectiva interdisciplinar na Ciência da Informação.

Esta nova perspectiva visa contemplar uma lacuna percebida nos estudos sobre usuários de informação cujas pesquisas vêm demonstrando a necessidade do desenvolvimento de instrumentos inovadores. Essa percepção parte da observação de que as teorias sobre o comportamento informacional não tem considerado as motivações e as emoções que estão fora do domínio da consciência do sujeito, não contemplando, portanto, os aspectos subjacentes aos comportamentos aparentes (Venâncio, 2007; Albright, 2011). Acredita-se que o progresso na Ciência da Informação, conforme mencionado por Badwen e Robinson (2008), depende de uma melhor compreensão dos fundamentos do comportamento informacional

---

<sup>1</sup>Durand (2012, p.19) menciona essa expressão ao se referir à perspectiva em que a psicologia clássica reduz o imaginário.

<sup>2</sup> *Hermas*, segundo Araújo, Gomes e Almeida (2014) eram elementos de devoção hermesiana relacionadas ao deus grego da comunicação e caminhos, Hermes. Consistiam de pedras esculpidas ou montículos de pedra que sinalizavam as estradas, ou marcavam os territórios na antiguidade, servindo de ponto de encontro de peregrinos e viajantes.

humano, perspectiva que, considera-se, é abarcada pelo uso do imaginário e da dimensão simbólico-afetiva.

A hermenêutica simbólica adotada neste artigo parte da concepção de uma cultura do imaginário estabelecida por Gilbert Durand (1921-2012) que considera o imaginário como um elemento constitutivo e instaurador do comportamento específico do *homo sapiens* e que tem no “trajeto antropológico” a sua pedra angular (Durand, 2012, p.41).

## 2. Da Informação

*O que é informação? É uma substancia indefinida e etérea ou fenômeno cognoscível? É uma propriedade básica do Universo, tal como a energia, revestindo várias formas ou tal analogia é equívoca e inútil?*<sup>3</sup>

A informação é um componente intrínseco a todas as atividades humanas. Insere-se numa vertente de compreensão de natureza complexa, pois é indissociável da existência do homem à medida que está relacionada, tanto a situações de necessidades (sejam primárias ou secundárias<sup>4</sup>) quanto a situações de “não necessidade”. Neste rol inserem-se também a necessidade e o desejo de conhecimento, bem como o contato com a informação nas situações rotineiras, que muitas vezes pode ocorrer de forma passiva e sem intencionalidade ou necessidade premente.

Considera-se que a informação faz parte do cotidiano do ser humano desde sua origem, não necessariamente registrada em suporte físico, mas sempre comunicada e compartilhada por meio de ações do *homo sapiens*. Saber localizar uma fonte de água ou como caçar um animal para prover sua subsistência se baseava em informações vitais para a sobrevivência do homem que “lia” as informações do seu habitat, processava e as transformava em conhecimento.

Arrisca-se pontuar que talvez este seja um dos aspectos mais complexos da informação: sua incorporação natural ao ser e ao fazer humano a torna tão sutil que por vezes é utilizada e assimilada sem se notar, de modo inconsciente e autômato. Originada do latim “*informare*”, a definição de Informação perpassa a noção de “formar uma ideia de algo”, o que pode

---

3 Silva & Ribeiro (2002, p.21).

4A denominação de necessidades considerada no texto parte da proposta de Henry Murray (1938) que identificou duas categorias de necessidades: as primárias ou viscerogênicas (de natureza biológica) e as secundárias ou psicogênicas (derivadas da primeira ou inerentes à estrutura psíquica humana). Murray, H. A. (1938). *Explorations in Personality*. New York: Oxford University Press.

implicar ação e apropriação nem sempre intencionais, mas que contribuem para a construção de um repertório individual que embasa e orienta o sujeito em seus comportamentos e práticas.

O termo “Informação”, de acordo com Capurro (1985), tem um fundo epistemológico muito rico: sua forma latina (*informatio*), por exemplo, tornou-se um *terminus technicus* na epistemologia medieval e desempenhou um papel importante nas teorias racionalistas e empiristas do conhecimento da filosofia moderna. O autor resgata do famoso dicionário inglês “*A Dictionary of the English Language*”, de Johnson (1755)<sup>5</sup>, três usos para o vocábulo (“Inteligência dada; instrução”, “Carga ou acusação exibida”, “O ato de informar ou atuação”) e descreve que o termo [*informatio*], tal como cunhado por Tomás de Aquino (1225-1274), traz implicações ontológicas, pedagógicas, linguísticas e epistemológicas. Nesta última perspectiva, Capurro (1985) aponta uma conexão íntima com os conceitos de intelecto (*intellectus*) e percepção (*sensus*) e menciona que, embora a filosofia moderna tenha criticado muitos aspectos das proposições de Aquino, o termo Informação desempenhou um papel importante na tradição empirista inglesa referindo-se à mediação entre a mente e os objetos, ou seja, como estes são percebidos pelos sentidos.

Lancaster (1989) considera que é extremamente difícil definir Informação ou obter um consenso sobre seu significado, visto que o termo pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. O autor sistematiza as observações feitas por Ruben (1985)<sup>6</sup> quando este afirma que Informação pode ser tratada como produto (o que lhe caracteriza como algo tangível), como um código ou padrão (na área da genética), como um sinal (no campo da comunicação), como dados captados e processados pelo cérebro, como sinônimo de conhecimento, dentre outras várias definições.

Essa incursão sobre como o termo vem sendo definido em várias áreas auxilia a sistematizar a percepção da pluralidade de significados que a informação assume em várias ciências e contextos. A polissemia da palavra demonstra as diferentes perspectivas de estudos que a informação pode assumir o que culmina, como mencionou Capurro (1985), na complexidade

---

<sup>5</sup>Johnson, S. (1755) *A Dictionary of the English Language*. London. Repr.Olms, Hildesheim, 1968.

<sup>6</sup>Ruben, B. D. (1985) *The coming of the information age: informations, technology and the study of behavior*, In: Information and Behavior, New Brunswick, Transaction Books, 1, 3-26.

em se defini-la na atualidade, pois o termo é usado não só na filosofia, mas também nas ciências naturais e sociais.

Na esteira dessas considerações epistemológicas, resgata-se o entendimento de Floridi (2011), que postula não ser possível a consolidação de uma teoria unificada da informação. Gonzalez de Gómez (2013, p. 9), ao analisar a abordagem desse autor, destaca que a adoção de uma teoria unificada, dada a existência de uma pluralidade de conceitos e modelos,

implicaria pressupor uma entidade, essência ou princípio universal e invariável como objeto preferencial, tal que eliminaria todas as outras concepções e definições concorrentes. Para Floridi, uma teoria unificada da informação só poderia ter efeitos reducionistas, entre outras razões, porque desativaria numerosas questões ainda sem responder.

Na Ciência da Informação (CI) a definição do termo Informação tem implicado não apenas uma necessidade conceitual de se entender o objeto pesquisado, mas também em caracterizar a atuação desta ciência face ao conceito. Como estudar aquilo que não se sabe exatamente o que é?

A complexidade trazida por esta indagação tem envidado de vários pesquisadores análises e ponderações. Silva e Ribeiro (2002, p. 29), por exemplo, consideram que “a Informação é algo em si mesma e anterior à coisificação/materialização que lhe dá temporalidade e espacialidade”. Esses dois aspectos mencionados pelos autores suscitam reflexões que perpassam a discussão sobre o fenômeno informacional que, acredita-se, devem ser observadas antes mesmo das tentativas de definir o termo numa expressão única, quer se considere o conceito num estado absoluto ou integrado em outras formulações<sup>7</sup>.

O primeiro aspecto é o tempo histórico, pois a percepção da informação vai se modificando em relação ao tempo no qual se insere. Um fato que corrobora esse entendimento é que não havia sentido, por exemplo, se falar de informação como um emaranhado de *bits* e *bytes* antes do século XX<sup>8</sup>... O outro aspecto que se destaca é o situacional, pois o significado de informação será diferenciado em relação ao local de onde parte sua definição. Este aspecto

---

<sup>7</sup>José Marques, no prefácio da obra de Silva e Ribeiro (2002) menciona que o sentido de informação pode advir do conceito em um estado absoluto ou integrado noutras formulações como gestão da informação, sistemas de informação, comportamento informacional, etc.

<sup>8</sup>**Bit (Binary Digit)** é uma sigla usada geralmente na computação que representa a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida, pois pode assumir somente dois valores: 0 ou 1. O byte é definido como um conjunto de 8 bits.

foi abordado neste texto na citação de Lancaster (1989) quando se apresentou o conceito variando conforme sua apropriação por campos ou áreas diversas.

Outro aspecto que se considera relevante ressaltar, apesar de sua obviedade, é que a informação não é exclusividade da CI. Pode não ser o “objeto” de outras ciências, mas é um elemento intrínseco a todo o saber, já que é a base do conhecimento. Assim, considera-se que não há sentido em se estabelecer um conceito que se pretenda ser universal, mas definir o termo de modo que essa definição possa estabelecer as bases para a compreensão da abordagem que está sendo desenvolvida e caracterize o fenômeno que está sendo estudado numa perspectiva ampla, mas sem a pretensão de esgotar todas as variáveis. Considera-se fundamental que o estabelecimento de contornos e fronteiras relativas a outros campos e conceitos ocorra, pois essa condição irá permitir definir o substrato teórico e subscrever um conceito que direcione o olhar sobre o fenômeno.

Dito isto, as reflexões deste artigo, que envolvem o fenômeno informacional e suas dimensões subjetivas, partem do conceito de informação elaborado por Silva e Ribeiro (2002) que se considera adequado para, dentre outras, a compreensão dos estudos que utilizam uma hermenêutica simbólica. O conceito elaborado pelos autores, que foi complementado posteriormente por Silva (2006, 2013), considera que a informação é um conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas, modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registradas em um suporte material e comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada.

Esse conceito parte do pressuposto de que as raízes da informação mergulham na ação e na vida do homem em sociedade<sup>9</sup> e pressupõe que o ato individual ou coletivo é responsável por fundar e modelar estruturalmente a informação. Conforme ressalta Silva (2006, p. 24)

Desde já, importa esclarecer que entendemos a Informação como um fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona e interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si.

Silva e Ribeiro (2002), ao conceberem a informação a partir dessas premissas, atribuem a ela algumas propriedades que são indissociáveis do conceito elaborado, como sua estruturação pela ação humana e social, a possibilidade de propiciar uma integração dinâmica entre as

---

<sup>9</sup> José Marques em Silva & Ribeiro (2002, Prefácio).

condições internas e externas ao indivíduo. Apontam também como características a condição de ser transmissível, comunicável ou reprodutível (estando implícitos nesta propriedade os conceitos de retenção e memorização), e as propriedades de pregnância (enquanto ação modeladora da informação) e quantificação (que abarca aspectos relacionados à codificação e mensuração).

Nesta concepção, a Ciência da Informação pode abordá-la como parte de um fenômeno infocomunicacional, caracterizado, segundo Silva (2013), de forma genericamente sumarizada, pelas situações nas quais indivíduos partilham sentido por meio da interação pessoal. Esta “perspectiva infocomunicacional” de compreender o fenômeno remete a uma percepção da informação a qual perpassa o campo da Cultura que, abordada em um sentido antropológico mais geral, pode ser considerada como um “modo de relacionamento humano com o real” e como “depositária da informação social” (Marteleto, 1995). Neste aspecto, a informação toma forma de criação e instituição dos significados, o que implica uma “probabilidade de sentido” e reflete uma forma de relação dos sujeitos com a realidade aproximando-se de uma dimensão imaginária que tem como esquema dominante a significação.

Analisar, portanto, as práticas e comportamentos informacionais de uma dada sociedade importa lembrar que ela está permeada por matrizes de significações diferentes, perspectiva que aproxima o imaginário e o simbólico do fenômeno informacional e infocomunicacional.

### 3. Do Imaginário

Cada um é livre de escolher o seu estilo de verdade. Quanto a nós, recusamo-nos a alienar o que quer que seja da herança da espécie. Foi-nos claro que as jovens verdades estudadas pelas epistemologias se gastam e se combatem. Por que pôr de lado os “erros” quando mostram ser a coisa do mundo mais bem partilhada? [...] Uma das convicções que resulta da nossa investigação é que precisamos rever, quando se trata de compreensão antropológica, as nossas definições sectárias da verdade.

Gilbert Durand<sup>10</sup>

Boaventura de Souza Santos em seu “Discurso sobre as Ciências”, resgata de Jean-Jacques Rousseau o seguinte questionamento: “Há alguma razão de peso para substituímos o

---

<sup>10</sup> Durand, G. (2012, pp. 427-428)

conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? (Santos, 2006, p. 16). Essa indagação provoca reflexões principalmente quando se percebe, conforme destaca Minayo (2011), que desde tempos imemoriais, foram as religiões, a filosofia e os mitos os instrumentos que possibilitaram desvendar as lógicas profundas do inconsciente coletivo e do destino do ser humano.

Apesar das evidências apontarem a importância do símbolo como uma forma de expressão, podemos dizer que “a civilização ocidental, erigida sob o racionalismo positivista, tratou o mito e a imagem como resultado de processos rudimentares da história da evolução do pensamento do homem”, desvalorizando a função da imaginação no desenvolvimento científico (Oliveira & Maia, 2008, p.1).

Para se compreender como esse fenômeno de desconfiguração do potencial revelador do imaginário foi se constituindo recorre-se aos apontamentos feitos Durand (2010) em seu *ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. O autor inicia suas reflexões mencionando que o Ocidente, ao almejar a posição de herdeiro único da Verdade, desafiou as imagens visto que o “método da verdade” descendente do pensamento de Sócrates (baseado numa lógica binária de falso-verdadeiro) a excluiu por não se reduzir a esse silogismo.

A consideração da razão como único meio de acesso à verdade suprimiu o imaginário dos processos intelectuais e o exclusivismo do método proposto por Descartes no século XVII invadiu todas as áreas de pesquisa do “verdadeiro” saber. Junto com as experiências de Galileu, o famoso *Discurso* de Descartes (datado de 1637) consolidou um “universo mecânico” no qual não havia espaço para o imaginário e o pensamento simbólico<sup>11</sup>.

No início do século XIX, entretanto, insurgiram na sociedade alguns “bastiões” da resistência dos valores do imaginário por meio do Romantismo, do Simbolismo e do Surrealismo. E, no alvorecer do século XX, por meio dos estudos de Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961), comprovou-se o papel das imagens como intermediária entre o

---

<sup>11</sup>Estas considerações, relatadas por Durand (2010, p.13), também incluem a afirmativa de que “o legado do universo mental, as experiências de Galileu (lembramo-nos da demonstração da ‘lei da queda dos corpos’ no plano inclinado) e o sistema geométrico de Descartes (na geometria analítica, uma equação algébrica corresponde a cada imagem e a cada movimento, donde a cada objeto físico) representam um universo mecânico no qual não há espaço para a abordagem poética”.

inconsciente não manifesto e uma tomada de consciência ativa e sua vocação como modelo de autoconstrução da psique (Durand, 2010).

A abordagem da imagem – que na perspectiva desses dois pesquisadores estava inscrita em uma prática médica relacionada às “doenças da mente” – foi sendo ampliada, no decorrer deste último século, para uma perspectiva antropológica, que tem como pressuposto que o “funcionamento” do imaginário é apoiado sobre fatos de natureza sociocultural, ou seja, literatura, artes, mitos, contos e lendas (Durand, 2001). A imagem resgatada passar a situar-se, portanto, na perspectiva de uma imaginação criadora, de natureza poética e transcendental. Neste aspecto, é interessante observar que, segundo Durand (2010), desde os tempos primeiros já era admitido por Platão o fato de muitas verdades “escaparem” à filtragem lógica do método.

A reflexão sobre a importância do Imaginário e a Imaginação simbólica iniciou-se, de acordo com Araújo e Batista (2003) com o *Círculo de Eranos*, em Ascona, Suíça, nos anos de 1930, tendo como nomes reconhecidos desse mesmo Círculo, os de Mircea Eliade, Henry Corbin, James Hillman, Gilbert Durand, dentre outros notáveis.

Foi Gilbert Durand, de acordo com Oliveira e Maia (2008, p.1), quem procurou colocar “a imagem, a imaginação e o imaginário no cenário dos estudos acadêmicos” ao considerar o imaginário como o “alicerce fundante sobre o qual se constroem as concepções de homem, de mundo, de sociedade” e defini-lo como o museu “de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (Durand, 2010, p.6).

Teixeira e Araújo (2013) consideram que Gilbert Durand se destaca como um dos grandes pensadores do século XX no campo do imaginário em função do valor que atribuiu ao *homo symbolicus* e aos processos de simbolização. Este fato possibilitou a reabilitação da força diretiva do mito demonstrando que o imaginário não é uma abstração, mas segue regras estruturais o que possibilita uma hermenêutica.

Os estudos de Gilbert Durand consideram que, para abordar o simbolismo imaginário, é necessário enveredar pela via da antropologia para afastar os problemas de anterioridade ontológica. Segundo a fala do próprio autor, é necessário que nos coloquemos, deliberadamente, “no que chamaremos o trajeto antropológico, ou seja, a incessante troca

que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 2012, p.41).

A obra de Gilbert Durand contempla, em uma descrição aqui sumarizada, a elaboração de uma teoria que sistematiza uma classificação dinâmica das imagens – considerando como princípio uma configuração baseada na constelação de imagens simbólicas – e o desenvolvimento de uma metodologia apoiada no método crítico do mito.

A metodologia desenvolvida por Durand, denominada *Mitodologia*, emergiu como uma tentativa de abordagem científica considerando, de acordo com Mello (1994, p.46), que “em todas as épocas, em todas as sociedades existem, subjacentes, mitos que orientam, que modulam o curso do homem, da sociedade e da história”. Seu propósito relaciona-se, assim, ao desvendamento dos grandes mitos diretivos responsáveis pela dinâmica social. A *Mitodologia* ampara suas abordagens em dois métodos: a mitocrítica, que consiste em um método de análise do “texto cultural” que busca evidenciar os mitos que atuam por detrás dele, e a *mitanálise*, um método de análise que tenta apreender os grandes mitos que orientam os momentos históricos, os tipos de grupos e de relações sociais. De forma sintética considera-se que, enquanto a *mitocrítica* centra sua análise nos mitos de textos culturais, a *mitanálise* analisa o contexto social no sentido de identificar a presença dos mitos diretivos, configuradores dos fenômenos socioculturais de uma dada sociedade (Durand, 2003).

A teoria proposta por Gilbert Durand, apresentada em sua obra intitulada *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, partiu, segundo Araújo (2009, p.30) “de uma concepção simbólica da imaginação que postula o semantismo das imagens e que estas não são signos, mas que, de qualquer modo, contêm materialmente o seu sentido”. Sem poder desenvolver aqui toda a dimensão da teoria proposta por Durand (2012), tem-se, numa apresentação simplificada, que as estruturas do imaginário – que postula uma estrutura classificatória das imagens – se organizam em torno de três gestos reflexos humanos dominantes: o postural, o digestivo e o copulativo. A dominante postural remete ao imaginário de luta, de purificação; a dominante digestiva remete ao imaginário de intimidade, de refúgio, e a dominante copulativa remete ao imaginário da conciliação entre a luta e o aconchego. As representações correspondentes às dominantes expressam-se em substratos gestuais que se substantificam em arquétipos ao entrarem em contato com o meio natural e sociocultural. (Paula, 2012)

A junção entre os gestos inconscientes dessa sensóriomotricidade, as dominantes reflexas e as representações é feita pelo schème, cujo significado remete a noção de “ponte” entre o biológico e o cultural. Na estrutura proposta, a cada esquema verbal irá corresponder conjuntos de arquétipos e símbolos que serão agrupados em razão de seu isomorfismo, em dois regimes (diurno e noturno) e três estruturas – heroica, mística ou sintética (Cavalcanti & Cavalcanti, 2015; Teixeira & Araújo, 2013).

Ao apresentar o contributo de Gilbert Durand na elucidação da natureza da imaginação criadora, Araújo (2009, p.32) conclui que a imaginação, enquanto função simbólica, se revela como um importante elemento de equilíbrio psicossocial. Sua função “consiste em equilibrar biológica, psíquica e sociologicamente quer os indivíduos, quer as sociedades face à civilização tecnocrática e iconoclasta”. Neste sentido, Araújo (2009) assinala a convicção de Gilbert Durand de que o imaginário possui como função geral negar o negativo, ou seja, negar a morte e o tempo, assumindo, nesta concepção, uma função de eufemização com vistas a melhorar a situação humana no mundo fazendo a mediação da relação entre ambos. Teixeira e Araújo (2013) concluem que o imaginário, sob a perspectiva durandiana, se configura como um elemento constitutivo do comportamento do *homo sapiens* possibilitando a organização das experiências e ações humanas.

Desta forma, considera-se que sua incorporação às análises do fenômeno informacional permite que se busque uma compreensão dos “comos” e “porquês” dos comportamentos em uma dimensão instauradora de novos sentidos e significados.

#### **4. A hermenêutica simbólica nos fenômenos infocomunicacionais**

Se eu tivesse que refletir sobre minha posição pessoal ao longo dos anos, eu diria que, desde o começo, sempre rejeitei o ponto de vista do século dezanove que dividia a sociedade humana em “cultura”, que compreendia símbolos e idéias, e “civilização”, que compreendia coisas e artefatos. Para mim, a “civilização” sempre foi parte da personalidade do homem, uma área em que ele expressou seus ideais básicos, seus sonhos, suas aspirações e seus valores.

Peter Drucker<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Drucker, P. (1971) Tecnologia, gerência e sociedade. Petrópolis: Editora Vozes

O *homo symbolicus* tem procurado emergir de um mundo que sempre tendeu a querer reduzir a cinzas a imaginação simbólica (Chanlat, 1996). E essa emergência não é sem motivo, pois, conforme aponta Pitta (1995), os progressos da física no final do século XX demonstraram ser impossível estudar o ser humano como um simples objeto. A autora, em suas considerações, menciona que o raciocínio e a razão tem a faculdade de possibilitar a análise e compreensão dos fatos, mas não possibilitam criar significado, pois

Para que a criação ocorra é necessário imaginar. É o que fazem, na sociedade ocidental, os filósofos, os cientistas sociais, os que estudam as religiões, os políticos, os arquitetos, os artistas, os físicos, os matemáticos... Criam filosofias, teorias, religiões, obras... Criam, a cada instante, o mundo. (Pitta, 1995, p.1)

Nesta perspectiva, entende-se que a obtenção de um conhecimento profundo de um objeto tão complexo quanto o ser humano necessita de um estudo baseado na observação sensível dos fatos. Esta constatação coloca o imaginário como integrante do cenário científico e o relaciona a várias ciências: nas ciências humanas esta abordagem pode caracterizar um modo de ensino não centrado unicamente na razão; nas ciências exatas tem-se os conceitos de limite e infinito sendo utilizados pela matemática; na física quântica, na química e na biologia, por sua vez, verifica-se a utilização de conceitos que vão além do puro raciocínio (Pitta, 1995).

O imaginário postula uma abrangência integradora de um olhar poliédrico e multiperspéctico de uma diversificada rede de “modos de olhar e de ver”.

Por isso mesmo é que o interesse pelo estudo do Imaginário não se limita a explorar a “substância” profunda do mito, mas intenta compreender também a acção humana no quadro das dinâmicas histórico-culturais e políticas envolventes, ou seja, os textos, os intertextos e os contextos.... (Araújo & Baptista, 2003, p.14)

Na Ciência da Informação, parte-se do pressuposto de que o imaginário pode vir a caracterizar uma nova perspectiva de estudos do fenómeno informacional inserindo nas pesquisas uma dimensão psicossocial e se integrando a uma nova vertente investigativa denominada Abordagem Clínica da Informação (ACI). Esta abordagem, proposta por Paula (2012), consiste em uma perspectiva que busca investigar os comportamentos e práticas informacionais considerando a influência de elementos culturais, simbólicos, cognitivos, afetivos, além de fatores psicodinâmicos conscientes e inconscientes. Esta forma de estudar o fenómeno investigado pressupõe um olhar profundo visando atingir níveis de análise não usuais nos estudos tradicionais. Se materializa por meio de várias técnicas e instrumentos de pesquisa

como, por exemplo, a análise de conteúdo, a análise do discurso, os mapas de associações de ideias, os mapas cognitivos, o teste de evocação de palavras, o teste arquetípico de nove elementos, o incidente crítico, as analogias e metáforas, a etnografia, historiografia, netnografia, dentre outros vários. Trata-se de uma lista aberta de possibilidades na qual o objeto de pesquisa vai direcionar sobre a utilização de alternativas únicas ou híbridas. Cabe destacar que não há procedimentos exclusivos a serem utilizados nesta abordagem; antes, vários métodos e técnicas podem ser utilizados devendo estes inserir em suas aplicações instrumentos que possibilitem captar e explorar o objeto de estudo em todas as suas dimensões.

A ACI tem como pressuposto o fato de que o comportamento informacional “é um processo experimental e contingencial, consciente ou inconscientemente marcado pelos campos psíquico, cultural, histórico e social” e que o campo psíquico – que inclui as dimensões cognitiva, perceptiva e afetiva de forma indissociável – tanto influencia quanto é influenciado por aqueles campos (Paula, 2012, online). Assim, para a condução de estudos sobre os aspectos subjetivos que permeiam o comportamento e as práticas informacionais é necessário que os instrumentos de pesquisa deem conta de questões que envolvem, de um lado, a motivação e a necessidade da busca e uso de informação e, de outro, questões relacionadas à personalidade e as estruturas individuais psíquicas. Neste aspecto, a ACI se constitui como uma abordagem que permite enveredar por uma perspectiva profunda devido a sua característica de se “reclinar” sobre todas as nuances que permeiam os comportamentos do sujeito.

Essa abordagem, que intenta o recolhimento de informações sem as isolar das situações em que foram reunidas e dos contextos em que se inserem, objetiva descrever fenômenos, tecer diagnósticos, prognósticos ou prescrever intervenções. Tem como parâmetro conceitual a proposição de que, em um processo de construção de sentido, o símbolo atua como um catalisador das expressões afetivas conscientes e inconscientes, bem como um objeto de passagem, mediando os opostos inerentes aos atos interpessoais produzindo assim, concomitantemente, sentido e cultura (Paula, 2012).

Em virtude da potencialidade de significação e construção de sentido inserida nas dimensões simbólicas, alguns elementos do imaginário que se fazem presente no cotidiano da sociedade

podem servir de instrumentos que irão permitir caracterizar e compreender aspectos intrínsecos do ser humano e dos grupos sociais. Assim, alinhando essa potencialidade à perspectiva proposta pela ACI, considera-se que se pode trazer para o campo da Ciência da Informação uma análise mítica que auxilie a compreender os fenômenos subjacentes aos comportamentos informacionais e infocomunicacionais.

Tal convicção parte do pressuposto já apontado por vários pesquisadores que consideram que a forma como os instrumentos de pesquisa têm sido utilizados nos estudos sobre comportamentos e práticas informacionais têm sido insuficiente para apreender as múltiplas dimensões da relação entre os indivíduos e as informações.

## 5. Conclusão

*... este Imaginário, longe de ser a epifenomenal “louca da casa” a que a sumariíssima psicologia clássica o reduz, é, pelo contrário, a norma fundamental – a “justiça suprema”, escreve Breton – diante da qual a contínua flutuação do progresso científico aparece como um fenômeno anódino e sem significação.*

*Gilbert Durand<sup>13</sup>*

A informação e o imaginário têm apresentado percursos complexos no desenvolvimento da sociedade humana. Interessante observar que ambos, nesses dois últimos séculos (XX e XXI) tem se caracterizado por um processo de saturação perceptível tanto na denominação da sociedade da informação quanto na sociedade midiática.

Tem-se um excesso de informação. Bauman (2011) retrata bem este cenário quando menciona que a flexibilidade exigida na sociedade moderna leva o indivíduo a ansiar cada vez mais por informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. Transforma-se, desta forma, a angústia das gerações passadas da “informação insuficiente” no pesadelo ainda mais terrível da enxurrada de informações disponíveis que ameaça afogar a todos. Nas palavras do autor, “A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações” (Bauman, 2011, p.125).

Tem-se um excesso de imagens. Gilbert Durand (2010, p.33) fala sobre o paradoxo dos últimos dois séculos que, por um lado, propiciou o desenvolvimento de técnicas de produção de imagens, mas que valorizou apenas a imagem mediática desprovida de valor heurístico. A

---

<sup>13</sup> Durand (2012, p. 19)

obsessiva produção de imagens, segundo o autor, situa-se no campo do “distrain”. Essas “imagens mediáticas”, presentes desde o berço até o túmulo, ditam as intenções de produtores anônimos ou ocultos.

Esses dois fenômenos marcados pela saturação podem até sugerir a existência de uma superficialidade nos campos marcados por esse excesso. Entretanto, a essência de cada um está na sua unidade constitutiva, a informação e a imaginação criadora, com suas capacidades de significação e de representação.

Conforme afirma Silva (2017, online), “o ser humano cria, expressa, acumula, busca e usa representações mentais e emocionais, o que o converte num produtor informacional, num mediador infocomunicacional e num usuário/ interprete/transformador de informação”. Para explorar essas dimensões, a Ciência da Informação deve recorrer à sua natural vocação interdisciplinar e se utilizar do imaginário e dos arquétipos para compreender os aspectos inconscientes e subjetivos envolvidos no fenômeno informacional.

Apesar da área de estudo do comportamento informacional se sobressair nessa vertente interpretativa, “pois tem sido nela que estudos que convocam análises mais finas e sofisticadas de recorte psicológico vão se multiplicando” não é só nessa área que “a dimensão biopsíquica, psicossocial e comportamental intrínseca ao fenômeno infocomunicacional aparece e pode ser explorada: ela está presente também na produção e na mediação (organização e representação) da informação” (Silva, 2017, online).

O imaginário tem a potencialidade de oferecer outra leitura, diferente das realizadas até agora, sobre o fenômeno informacional na sociedade humana. Isto porque seu conceito interdisciplinar, conforme destacam Araújo e Araújo (2009), permite seu trânsito na filosofia, teologia, psicologia, sociologia, etnografia, psicanálise, teorias estéticas, literárias... O conceito de informação também abrange essa peculiaridade. Talvez por isso entrelaçar esses dois mundos se configure como um campo tão profícuo de análises e interpretações. Talvez por isso se vislumbre que a articulação desses dois elementos informação-imaginário possa vir a configurar uma vertente transdisciplinar na Ciência da Informação constituindo-se uma nova unidade de conhecimento.

É sabido que o campo de estudos da Ciência da Informação é muito vasto, que a abordagem durandiana sobre o imaginário é extremamente ampla (abrangendo muito mais conceitos dos

que os foram apresentados) e que o campo de estudos do imaginário apresenta outros autores, teorias e possibilidades. Assim, não se pretende esgotar o tema. Antes, o que se faz aqui é plantar uma semente. É instigar e provocar. É suscitar questões que possam criar novas perspectivas ou reinventar paradigmas.

É preciso, pois, inspirar-se em Atena, deusa da sabedoria e uma das principais divindades do panteão grego, para dotar a ciência de novas estratégias e reflexões provendo habilidades inovadoras e reorganizando as estruturas vigentes que carecem de outras inspirações.

## 6. Referências Bibliográficas

- ALBRIGHT, K.S. (2011). Psychodynamic perspectives in information behaviour. *Information Research*, **16**(1) paper 457. Recuperado em julho de 2017 de <http://InformationR.net/ir/16-1/paper457.html>
- ARAÚJO, A. F. (2009) Da imaginação. In Araújo, A. F.; Araújo, J. M. (2009) *Imaginário educacional: figuras e formas*. Niterói: Intertexto
- ARAÚJO, A. F.; Araújo, J. M. (2009) *Imaginário educacional: figuras e formas*. Niterói: Intertexto
- ARAÚJO, A. F.; Baptista, F. P. (2003) *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget
- ARAÚJO, A. F.; Gomes, E. S.; Almeida, R. (2014) *O mito revivido: a mitanálise como método de investigação do imaginário*. São Paulo: Képos
- ARAÚJO, A. F.; e Silva, A. M. (1995) Mitnálise e interdisciplinaridade. Subsídios para uma hermenêutica em educação e em ciências sociais. *Revista Portuguesa de Educação*, 8 (i), 1995. Recuperado em junho de 2017 de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22490/2/armandomalheiro000091403.pdf>
- ARAÚJO, A. F.; Teixeira, M. C. S. (2009) Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 44(4): 7-13. Recuperado em julho de 2017 de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/6539/4746>
- BAUMAN, Z. (2011) *44 cartas do mundo líquido moderno*. Editora Zahar
- BAWDEN, D.; Robinson, L. (2008) The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. *Journal of Information Science*, p. 1–12. Recuperado em julho de 2017 de <http://openaccess.city.ac.uk/3109/1/dark%20side%20of%20information.pdf>

- CAPURRO, R. (1985) *Epistemology and Information Science*. Recuperado em agosto de 2017 de <http://www.capurro.de/trita.htm>
- CAVALCANTI, A. A.; Cavalcanti, A. P. (2015) *O que é imaginário? Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand*. João Pessoa: Editora da UFPB
- CHANLAT, J.F. (1996) *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 3 ed. São Paulo: Atlas
- CHEVALIER, J.; Gheerbrant, (2015) A. *Dicionário de símbolos*. 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio
- DURAND, G. (1988). *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix
- DURAND, G. (2003). [\*Mitos y sociedades: introducción a la mitodología\*](#) trad. Sylvie Nante, Buenos Aires: Editorial Biblos.
- DURAND, G. (2010) *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Difel
- DURAND, G. (2012) *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes
- DURAND, Y. (2001) *Quel imaginaire pour quelles perspectives éducatives*. In: Araújo, A.F.; Magalhães, J.; Araújo, J. M. História, educação e imaginário. Atas do V Colóquio de História, Educação e Imaginário. Universidade do Minho. Braga, Portugal
- FLORIDI, L. (2011) A defence of constructionism: philosophy as conceptual engineering. *Metaphilosophy*, 42 ( 3 ) : 282-304 . Recuperado em julho de 2017 de <http://www.philosophyofinformation.net/articles/>
- GONZALEZ DE GÓMEZ, M. N. (2013) Luciano Floridi e os problemas filosóficos da Informação: da representação à modelização. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, 4 (1), pp. 03-25 DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v4i1p3-25>. Recuperado em agosto de 2017.
- LANCASTER, F. W. (1989) O currículo de ciência da informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 17 (1). Recuperado em agosto de 2017 de <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/17682>
- MARTELETO, R. M. (1995) Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ciência da Informação* 24(1). Recuperado em agosto de 2017 de <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613/615>
- MELLO, G.B.R. (1994) Contribuições para o estudo do imaginário. *Em Aberto*, Brasília, 14 (61)
- MINAYO, M. C. S. (2011) *O desafio da pesquisa social*. In: Deslandes, S. F.; Gomes, R.; Minayo, M.C.S.(org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 30 ed. Petrópolis: Vozes

- OLIVEIRA, G. P.; Maia, L. S. L. (2008) *Estudo do universo imaginário de professores de matemática: uma análise a partir da teoria de Gilbert Durand*. Recuperado em julho de 2017 de <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT19-4798-Int.pdf>.
- PAULA, C. P. A. (2012) Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro. Recuperado em agosto de 2017 de <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/viewFile/3743/2866>
- PITTA, D.P.R. (1995) *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Recife. UFPE. Recuperado em junho de 2017 de [gepai.yolasite.com/resources/Texto%20Iniciação%20Teoria%20do%20Imaginário.doc](http://gepai.yolasite.com/resources/Texto%20Iniciação%20Teoria%20do%20Imaginário.doc).
- SANTOS, B. S. (2006) *Um discurso sobre as ciências*. 4 ed. São Paulo: Cortez
- SILVA, A.M. (2006) *A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico*. Porto, Edições Afrontamento.
- SILVA, A. M.(2013) Ciência da Informação e comportamento informacional: enquadramento epistemológico do estudo das necessidades de busca, seleção e uso. *Prisma*, 21. Recuperado em julho de 2017 de <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/2659>.
- SILVA A.M. (2017) *A Ciência da Informação abre-se ao Imaginário, aos "Arquétipos", ao Inconsciente...* Recuperado em julho de 2017 de <http://gedii.eci.ufmg.br/wp-content/uploads/2017/03/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-AMalheiro.pdf>
- SILVA, A.M.; Ribeiro, F. (2002) *Das "ciências" documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento.
- TEIXEIRA, M. C. S.; Araújo, A.F. (2013) *Gilbert Durand: Imaginário e Educação*. 2. ed. - Niterói: Intertexto
- VENÂNCIO, L. S. (2007). *O caminhar faz a trilha: o comportamento de busca da informação sob o enfoque da cognição situada*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Brasil